

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica Class.: NO-AM/geral
 Data 12.09.85 Pg.: 25

FRONTEIRA INVADIDA

Tropas na Serra do Traíra atrás dos guerrilheiros do grupo M-19

4468

Informações chegadas de Vila Bittencourt, no município de Japurá, confirmaram ontem a presença de guerrilheiros colombianos do Grupo M-19 na região da Serra do Traíra, onde garimpeiros disputam a cata do ouro com trabalhadores da Mineração Taboca, da empresa Paranapanema. Pilotos que atuam na área, garantiram ontem que o Comando Militar da Amazônia está desenvolvendo uma operação na região, utilizando tropas do Exército, Marinha e Aeronáutica.

O comando da Polícia Militar, que confirmou anteontem o envio de um pelotão de 12 homens para a Serra do Traíra, com a finalidade de garantir os direitos da Mineração Taboca, informou ontem que os soldados devem voltar hoje a Manaus, viajando no mesmo DC-3 da Rico Táxi Aéreo que os levou ao Japurá.

Uma fonte segura informou que a denúncia de A CRÍTICA sobre o plano de expulsar os garimpeiros da Serra do Traíra provocou a suspensão da medida, "por ordem de Brasília". Não se registraram incidentes sérios entre os policiais militares ou funcionários da Taboca, com os

garimpeiros que catam ouro na Serra do Traíra, ajudados por índios Tukanos e Makus, habitantes da região.

M-19

A Serra do Traíra fica na fronteira do Brasil com a Colômbia, no município do Japurá, em região de difícil acesso. Saindo de São Gabriel da Cachoeira, no Rio Negro e viajando de barco, são 36 dias pelo rio Waupés, depois Tiquié e Igarapés do Ira, Castanho e Traíra. A outra via de acesso é saindo de Vila Bittencourt, no rio Japurá, onde se chega de avião. De lá a Serra do Traíra pode ser alcançada viajando-se pelo Igarapé do mesmo nome.

Garimpeiros, índios e compradores de ouro que atuam na área há mais de dois anos, detectaram por diversas vezes a presença de membros do M-19 (Movimento 19 de Abril), grupo guerrilheiro da Colômbia cuja luta é financiada com o tráfico de cocaína e contrabando de ouro. O grupo, segundo informações que circulam em Vila Bittencourt, teria na Serra do Traíra um "santuário", como eles denominam os locais onde armazenam armas e munições.

Mas em Vila Bittencourt circulam também rumores de que os guerrilheiros do M-19, estariam no Traíra com a mesma intenção dos garimpeiros e índios que ocupam a região, ou seja, a cata do ouro, no caso dos primeiros para financiar a compra de armas e víveres. A Serra do Traíra é cheia de cavernas e é local ideal para esconderijos.

A operação do Comando Militar da Amazônia, não confirmada oficialmente, teria sido desencadeada há duas semanas, com a utilização de tropas do Exército e apoio da Marinha, além de dois "Búfalos" da Força Aérea Brasileira. Tropas também estariam sendo deslocadas para Tabatinga e Benjamin Constant, tudo em consequência das denúncias sobre a presença dos guerrilheiros do M-19 na região.

A BRIGA DO OURO

Habitada pelos índios Tukanos e Makus, a região da Serra do Traíra começou a ser ocupada por garimpeiros vindos de diversos locais há mais de dois anos. Foram os garimpeiros que descobriram a ocorrência de ouro na área, levando o DNPM

a desenvolver pesquisas que confirmaram a descoberta. A Mineração Taboca, do grupo Paranapanema conseguiu alvarás do DNPM que lhe dão direito sobre nada menos que 150 mil hectares de terra. Outra empresa, a Continental, conseguiu autorização para atuar em 50 mil hectares.

Há dois meses, a Mineração Taboca colocou trabalhadores na área, dando início à construção de um acampamento. Logo começaram a circular boatos sobre desentendimentos entre garimpeiros e índios e, na semana passada, um DC-3 da Rico Táxi Aéreo, pilotado pelo comandante Vinícius de Andrade, levou um pelotão de 12 homens da Polícia Militar para a região, além de um técnico do DNPM e um número ainda não determinado de seguranças da Mineração Taboca, todos fortemente armados.

A denúncia da possível expulsão dos garimpeiros da Serra do Traíra foi divulgada em A CRÍTICA na semana passada, abortando o plano arquitetado pela direção da Taboca, segundo informações colhidas ontem. Garimpeiros que antes da

chegada da PM há haviam sido obrigados a deixar a Serra do Traíra por ameaças dos seguranças da Taboca, denunciaram a empresa "por estar fomentando desentendimentos entre brancos e índios que viviam em perfeita harmonia há mais de dois anos, com a finalidade de se apossar de todo o ouro ali existente".

Tal prática, segundo os mesmos garimpeiros, já foi observada antes, em outras regiões da Amazônia e sempre a Mineração Taboca está envolvida. Na opinião do empresário José Altino, que vem defendendo os direitos dos garimpeiros, tudo poderia ser resolvido se a Taboca concordasse em liberar a área determinada por um dos alvarás que ela possui. Seria o suficiente para o trabalho dos garimpeiros e a empresa ainda ficaria com 140 mil hectares para explorar. "Quem descobriu o ouro na Serra do Traíra foram os garimpeiros, como sempre aconteceu em todos os garimpos conhecidos. Eles tem o direito de trabalhar na área, mas esse direito não está interessando ao DNPM, que entregou a concessão para a Mineração Taboca", declarou José Altino.